

Meu caro Milton, muito grato por tua excelente carta de 16/12. Nao e apenas exposicao magistral do desenvolvimento do pensamento matematico moderno, como contem algumas ideias que me sao sumamente preciosas. Retenho as seguintes: (1) Para a analise numeros nao sao simbolos, (embora o sejam para a semantica), mas sao "entes, (ta onta). (2) O calculo atual se passa em nivel diferente do pre-analitico, porque se funda sobre analise, (computadores trabalham em base de algoritmos). (3) Imagens sinteticas sao fundamentalmente transformacoes de coordenadas, (originalmente cartesianas, mas atualmente outras). (Neste ponto anexo recorte sobre fractais, que trata do caso muito vulgarizadamente, que voce esta cansado de conhecer, mas que, para mim que sou matematicamente iletrado, revela a coisa melhor que o Scientific American, que dedicou a coisa dois volumes). Mas o que mais me importa na tua carta e tua afirmativa (4) que "voce se diverte com as figuras fantasticas" e que voce suspeita, tanto quanto eu, tratar-se na nova imaginacao de salto de quantidade para qualidade. Aprovatarei o que voce diz ao maximo no meu futuro trabalho, mas devo insistir em diferenca fundamental nas nossas apreciacoes disto.

Computacao: Sob analise fenomenologica, (pondo em parenteses todas as explicacoes, e permitindo que o fenomeno assuma a palavra), computacao se revela gesto que decorre do calculo, mas se distingue deste. "Calcular" e gesto que moi fenomenos em graos, com intervalos entre estes, e "computar" gesto que recolhe os graos por cima dos intervalos para aparentemente integra-los em formas. A distincao e essencial para mim, porque "calcular" e gesto tao antigo quanto a humanidade, (como voce diz corretamente), mas "computar e gesto novo, porque exige instrumentos infra-humanamente estupidos e superhumanamente ageis. (Dedos podem calcular, mas nao computar, porque os graos sao demasiadamente pequenos). O problema da nova imaginacao e este: A gente esta sentada frente ao monitor, ve a passagem das imagens como se os sonhos tivessem emigrado do cranio para a tela, mas pode fazer parar uma das imagens, guarda-la na memoria mecanica, manipula-la com sua propria imaginacao, (por exemplo gracias a ratinho), e enviar a imagem manipulada para outros para que continuem, dialogicamente, o sonho. Permita que elabore:

A tradicao teologica, (e filosofica), tende a proibir imagens, porque estas sao ontologicamente duvidosas, (mimeses de fenomenos), e perigosas, (levam a confusao alienante entre significante e significado, isto e: idolatria). Mas a tradicao nao tem experiencia com as novas imagens, que nao sao simulacoes em tal sentido: nao representam aparencias, mas calculos, sao portanto "ideias". Platao diria que sao "teoricas", e levam a sabedoria, nao a doxa. Kantianamente: tais novas imagens nao se enquadram nas categorias da "Urteilkraft", (percepcao estetica), mas nas da razao pura. Mas como tais imagens sao perceptiveis, (tem forma, cor, movem-se, podem ser acusticas), sao elas, com efeito, a "estetica da razao pura". Ora, isto rebate sobre nossa maneira de ser da seguinte forma:

Para a mente pre-historica, o mundo vital, (Lebenswelt), se apresenta enquanto cena: conjunto de volumes mais ou menos animados que se entrechocam, mas que o tempo vai recolocando nos seus lugares justos. Para a mente historica, a Lebenswelt se apresenta enquanto feixo de processos: todo evento tem causa e tera

efeito segundo a ordem do tempo linearmente progressivo. Para nos, a Lebenswelt começa a apresentar-se enquanto campos interferentes de virtualidades, campos que "vibram" topologicamente. Ora, a Lebenswelt pode se apresentar assim, porque não apenas a "concebemos" assim, (relatividade, quanta, genética, neuro-fisiologia, etc.) mas igualmente a "visualizamos" assim, (imagens sintetizadas). As imagens sintéticas, (a começar pela foto, mas claramente em imagens computadas por computador, e em hologramas), permitem a visualização da cosmóvisão da qual nasceram.

Ora: tal nova "Einbildungskraft", (força que permite por em imagem), funde, no seu bojo, ciência, técnica e arte, (e mais outras coisas). Mas é teologicamente mais perigosa que as imagens antigas. Estas são mediações entre o sujeito e o mundo, e podem encobrir o mundo para o sujeito. Mas as novas imagens são mediações entre o sujeito e seu próprio cálculo, e podem encobrir o sujeito. Além disto, não são "representações", mas "modelos": não mostram o que é, mas o que pode ser, e podem pois substituir o virtual pelo efetivo. Exemplo: imagem sintetizada de cadeira e modelo para a fabricação de cadeira, (por robots, por exemplo), mas para quem a sintetiza, a imagem passa a ser mais "real" que o artificial feito pelo robot, já que o robot apenas imita, (mimesis), a imagem. Além disto, a imagem é obviamente mais "bela", (formosa, bem formada), que a cadeira produzida pelo robot. Um platonismo de segundo grau, (realismo de ideias), está nascendo. Que o Talmud combatia tanto quanto a idolatria. Você compreendera porque sou confuso: fascinado e repellido.

.-.-.-.-.

Você não respondeu ao último parágrafo da minha carta de 5/12. Dia 9 vem Henri (Philippe) da BASF S.Paulo para convidar-me a ir para SP. em março, (Casa da Cor). Talvez nos reveremos nesta oportunidade, (se você estiver lá). A propósito "cor": a paleta de Amiga 2000, (relativamente barata), dispõe de 256 cores variáveis de 10.000 maneiras. Nossa percepção cromática vai mudando. Karl Gerstner, (o suíço que elaborou a "teoria das cores computadas"), vem a Røgn no mesmo dia 9. Mandarei para você um "Vampyroteuthis" digitalizado, computado e colorido por Louis Bec, quando estiver totalmente pronto.

Que 88 seja para você cheio de satisfação, ou, para dizê-lo judaicamente: que o Inteiramente Outro mantenha-se sobre ti, que te faça resplandecer Sua face, e que te seja leve. E para os teus. A Edith se junta aos votos.

Teu amigo.